



# *SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS*

MARIA HENRIQUETA COSTA CAMPOS  
MARIA FRANCISCA XAVIER

Maria Henriqueta Costa Campos  
Maria Francisca Xavier

# SINTAXE E SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS

Universidade Aberta

1991

Copyright

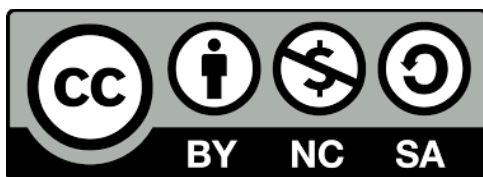


**UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147  
1200 Lisboa

D.L.: 45.193/91

I.S.B.N.: 972-674-072-X



# Sintaxe e Semântica do Português

---

	<b>1. Introdução</b>
13	Objectivos
13	Objectivos gerais
14	Objectivos específicos
	<b>2. Conceitos básicos</b>
17	Tábua de matérias
18	Objectivos
19	<b>Objectivo da Linguística</b>
19	Níveis de representação
21	Definição de objectivos
22	<b>Competência linguística</b>
23	Criatividade linguística
24	Intuição linguística
26	<b>Competência e performance</b>
27	Gramaticalidade e aceitabilidade
29	Criatividade específica da performance
31	<b>O domínio da sintaxe e semântica</b>
32	Frase e enunciado
34	Tópicos de recapitulação geral
34	Referências bibliográficas
	<b>3. A organização de uma gramática</b>
37	Tábua de matérias
38	Objectivos
40	O modelo T
40	A relação entre as componentes da Gramática
49	Tópicos de recapitulação geral
50	Referências bibliográficas
	<b>4. Sobre funções gramaticais</b>
53	Tábua de matérias
54	Objectivos
55	Conceitos tradicionais e definições formais

---

68	<b>Conceitos formais utilizados</b>
72	<b>A teoria da regência</b>
73	Comando de constituinte
75	<b>A ordem de constituintes</b>
77	A ordem de constituintes transformada
79	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
79	<b>Referências bibliográficas</b>

## **5. Relações semânticas e papéis temáticos**

83	<b>Tábua de matérias</b>
84	<b>Objectivos</b>
85	<b>A grelha temática dos predicados lexicais</b>
90	Papéis temáticos
94	<b>Alguns primitivos semânticos</b>
95	Verbos agentivos e não agentivos
99	<b>A hierarquia temática</b>
102	Verbos psicológicos
103	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
104	<b>Referências bibliográficas</b>

## **6. A Sintaxe X-Barra**

107	<b>Tábua de matérias</b>
108	<b>Objectivos</b>
110	<b>O esquema X-Barra</b>
111	<b>A estrutura dos sintagmas</b>
116	A estrutura do SN
116	O núcleo do SN
122	Complementos e adjuntos
138	A estrutura do SV
138	O núcleo do SV
139	Complementos e adjuntos
147	A estrutura do SC
147	O núcleo do SC
148	O complemento e o especificador
154	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
154	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## **7. Léxico e sintaxe**

159	<b>Tábua de matérias</b>
160	<b>Objectivos</b>
165	<b>Atribuição dos papéis temáticos</b>
166	Argumento externo e argumentos internos
170	<b>O caso estrutural e o caso inerente</b>
172	Os casos estruturais
178	A hipótese inacusativa
186	Os casos inerentes
189	<b>A classificação verbal</b>
191	<b>Algumas entradas lexicais</b>
191	Os verbos
204	Nomes, adjectivos, advérbios e preposições
211	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
211	<b>Referências bibliográficas</b>

## **8. Estrutura semântica do enunciado**

217	<b>Tábua de matérias</b>
218	<b>Objectivos</b>
219	<b>Sentido e referente</b>
219	Sentido e sistema
221	Referência e enunciação
222	O referente do enunciado
223	<b>Sobre a referência</b>
223	Expressões referenciais e expressões predicativas
224	Expressões definidas e expressões indefinidas
225	Uso referencial e uso atributivo de expressões indefinidas
226	Ambiguidade referencial
227	Expressões definidas
229	<b>Referente e valor referencial</b>
230	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
231	<b>Referências bibliográficas</b>

---

## 9. Estrutura semântica do léxico

- 235 **Tábua de matérias**
- 236 **Objectivos**
- 237 **Antonímia coplementar**
- 240 **Antonímia graduável**
- 243 **Antonímia conversa**
- 245 **Hiponímia**
- 247 **Relações parte-todo**
- 250 **Tópicos de recapitulação geral**
- 250 **Referências bibliográficas**

## 10. Algumas estruturas sintácticas do português

- 253 **Tábua de matérias**
- 254 **Objectivos**
- 255 **A construção interrogativa**
  - 255 A interrogativa total
    - 256 A interrogativa total directa
    - 257 A interrogativa total indirecta
  - 258 A interrogativa parcial
    - 259 A interrogativa parcial directa
      - 261 A interrogativa de complemento directo
      - 266 A interrogativa de sujeito
      - 268 A interrogativa de complemento indirecto
      - 269 A interrogativa de adjunto circunstancial
    - 271 A interrogativa parcial indirecta
- 274 **A construção relativa**
  - 276 Distribuição das construções relativas
    - 276 A construção relativa sujeito
    - 278 A construção relativa complemento directo
    - 279 A construção relativa complemento indirecto
    - 280 A construção relativa adjunto circunstancial
  - 282 A estrutura interna das orações relativas
- 286 **A teoria do movimento e a teoria da ligação**
- 290 **Tópicos de recapitulação geral**
- 290 **Referências bibliográficas**

---

## 11. Construção de valores referenciais de algumas categorias gramaticais do português

293	<b>Tábua de matérias</b>
294	<b>Objectivos</b>
302	<b>Valores aspectuais-temporais</b>
302	Tempos gramaticais e referência temporal-aspectual
307	Adverbiais de tempo
309	Adverbiais de localização temporal
311	Adverbiais de localização aspectual
312	Natureza aspectual da relação predicativa
314	Eventos
317	Estados e actividades
320	A tipologia de Vendler
322	Relações predicativas e adverbiais de realização
324	Interdependência na construção do valor aspectual
327	Particularidades aspectuais de alguns tempos gramaticais do português
327	Pretérito perfeito simples
331	Pretérito perfeito composto
338	<b>Valores modais</b>
339	Tipos de modalidade
339	Modalidade epistémica
341	Modalidade apreciativa
342	Modalidade intersujeitos
343	A interrogação
343	A interrogação total
345	A interrogação parcial
347	A interrogação retórica
349	O conceito de pré-construído
351	As construções relativas
352	A construção causal marcada por 'já que'
354	Em guisa de introdução
355	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
356	<b>Referências bibliográficas</b>

## 12. Alguns aspectos particulares da construção da referência

359	<b>Tábua de matérias</b>
360	<b>Objectivos</b>
361	<b>Referência anafórica</b>
364	Referência actual e referência virtual
365	Anáfora contextual
365	Anáfora pronominal

---

366	Anáfora nominal
368	Anáfora lexical
371	O especificador do anafórico nominal
373	Correferência e anáfora
374	Alguns tipos diferentes de relação anafórica
377	<b>Referência deíctica</b>
378	Referência deíctica e referência anafórica
379	<b>Tópicos de recapitulação geral</b>
379	<b>Referências bibliográficas</b>
381	<b>Bibliografia geral</b>

---

### 3. A organização de uma gramática

---

## TÁBUA DE MATÉRIAS

---

- 3. **A organização de uma gramática**
  - Objectivos
- 3.1 **O Modelo T**
- 3.2 **A relação entre as componentes da gramática**
- 3.3 **Tópicos de recapitulação geral**
  - Referências bibliográficas

---

## Objectivos

No final desta unidade os alunos deverão:

- conhecer a constituição do modelo de gramática descrito
- entender o que são princípios e parâmetros
- saber definir Frase (F), Proposição e Predicação
- distinguir Estrutura-P, Estrutura-S e Estrutura de Superfície

A nossa reflexão tem por base um **modelo** completo de **gramática**, que é conhecido pelo nome de **Gramática Generativa Transformacional** e assenta na ideia de que existe uma **Gramática Universal (GU)** determinada biologicamente nos seres humanos<sup>1</sup>. A GU inclui **Princípios Universais**, comuns às gramáticas das diversas línguas naturais, e **Parâmetros** que caracterizam as línguas particulares. Estes últimos serão, naturalmente, responsáveis pela variação linguística encontrada no mundo. Porque se pensa que o número de gramáticas possíveis é limitado, e também porque determinados fenómenos linguísticos se encontram regularmente associados a outros, formula-se a hipótese de que a variação e a evolução linguísticas são parametrizadas. Por outras palavras, as gramáticas das línguas humanas fixam determinados Parâmetros, que caracterizam, por um lado, as línguas como diferentes umas das outras e, por outro lado, os vários estados evolutivos como correspondendo a uma sucessão de gramáticas, mais ou menos próximas, conforme a variação paramétrica verificada.

<sup>1</sup> Ver Chomsky 1982a.

Como exemplo podemos referir que alguns estudos feitos, inicialmente sobre as línguas românicas e germânicas, e gradualmente alargados a outras línguas, levaram a propor a existência na GU de um **Parâmetro do Sujeito Nulo**<sup>2</sup> que distingue dois grupos de línguas: as línguas que, como o português, admitem construções sem sujeito realizado foneticamente (ou graficamente) são denominadas **Línguas de Sujeito Nulo**. As outras que, como o francês e o inglês, por exemplo, não permitem construções sem sujeito realizado, são **Línguas de Sujeito Obrigatório** (ou de Sujeito Não-Nulo). Observemos um exemplo de cada uma das línguas mencionadas:

<sup>2</sup> Ver Jaeggli; Safir.

- (1) a. vou ao teatro
- b. je vais au théâtre
- c. I am going to the theatre

Embora o português e o francês sejam línguas historicamente mais próximas do que são o francês e o inglês, o que é certo é que, no que respeita ao Parâmetro do Sujeito Nulo e aos fenómenos a este associados, o francês se aproxima do inglês, distinguindo-se do português e das restantes línguas românicas.

A fixação do Parâmetro do Sujeito Nulo, que no caso do português, espanhol, italiano, etc. é marcado positivamente, isto é, tem o valor [+], e no caso do francês, inglês, etc. é marcado negativamente, isto é, tem o valor [-], está associada, por exemplo, ao facto de as línguas do primeiro grupo — Línguas de Sujeito Nulo — permitirem inversão do sujeito em construções em que as línguas do outro grupo não admitem a mesma construção.

Observemos um exemplo em português, francês e inglês:

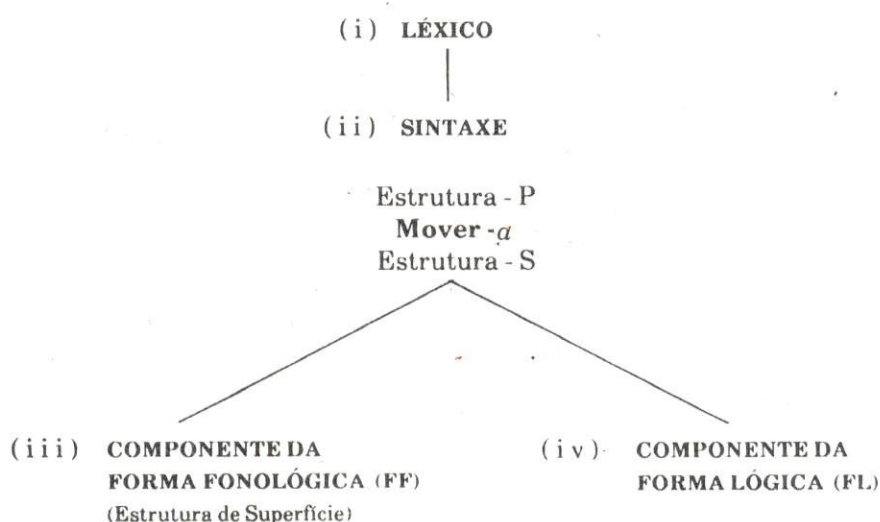
- (2) a. telefonou a Maria / a Maria telefonou
- b. \*a téléphoné Marie / Marie a téléphoné
- c. \*phoned Mary / Mary phoned

Como mostram os exemplos de (2), só em português — uma Língua de Sujeito Nulo — é possível a inversão do sujeito neste tipo de construções, sendo mal-formadas (\*) as construções equivalentes em francês e em inglês.

### 3.1 O modelo T

Deixemos, para já, as especificidades das línguas particulares e examinemos o modelo de gramática proposto por Chomsky (por exemplo, 1981, 1982, 1985, 1986 e 1988), conhecido por Modelo T (embora invertido) e que tem a seguinte configuração:

(3)



De acordo com este modelo, certos Princípios Universais determinam a inter-relação das várias componentes da Gramática. Assim, iremos estudar a estreita ligação entre, por um lado, o Léxico e a Sintaxe em sentido estrito — Estrutura-P e Estrutura-S — (referida ao longo do texto apenas como Sintaxe), por outro, a Sintaxe e as Componentes da Forma Fonológica e da Forma Lógica.

Embora o modelo procure analisar separadamente as diferentes componentes da gramática, ele é fundamentalmente um modelo sintáctico. Deste modo, as outras componentes da gramática têm sido objecto de estudo apenas nos aspectos relevantes para o estudo da Sintaxe em sentido mais amplo, isto é, em que as representações linguísticas — a Estrutura-P, a Estrutura-S e também a FL — são entendidas como representações sintácticas.

### 3.2 A relação entre as componentes da gramática

O Léxico (ou dicionário, ou vocabulário) de uma língua é a componente da gramática mais susceptível de apresentar variação e evolução. Como sabemos, as palavras adquirem-se, perdem-se, criam-se, transformam-se com relativa

facilidade. Estes são processos naturais que se verificam tanto no Léxico geral de uma língua, como no Léxico particular de qualquer falante de uma dada língua. No entanto, também no Léxico podemos encontrar elementos universais e outros específicos de grupos de línguas, ou mesmo de uma única língua, como é o caso das idiossincrasias ou particularidades dos **itens lexicais** (ou unidades lexicais, ou palavras) e das construções idiomáticas.

Como exemplo de um item lexical que, em princípio, terá equivalentes nas várias línguas, podemos referir o caso do verbo *gostar*, em francês *aimer* e em inglês *like*. No entanto, em português (*gosto de morangos*), ao contrário do que acontece em francês (*j'aime les fraises*) e em inglês (*I like strawberries*), o verbo (*gostar*) tem a particularidade de necessitar de preposição (*de*) a reger o seu complemento SN obrigatório. E, por outro lado, o verbo *adorar*, equivalente a *gostar* (*adoro morangos/gosto de morangos*), não tem preposição. Recorde-se também que o verbo *amar* ocorre com a preposição *a* na expressão *amar a Deus*, embora não necessite dela noutros usos.

Naturalmente que as idiossincrasias (por exemplo, existência ou não de preposição) fazem parte da informação lexical dos itens do Léxico de uma língua. Os itens lexicais e as suas idiossincrasias são elementos que interiorizamos quando adquirimos uma determinada língua.

Do mesmo modo aprendemos as construções idiomáticas de que se encontram, por vezes, correspondentes noutras línguas. Por exemplo, a expressão *chove a potes* pode ser traduzida, em francês, por *il pleut à verse* e, em inglês, por *it rains cats and dogs*. Assim, do Léxico de cada língua constam, igualmente, as construções idiomáticas.

O modo como o Léxico se articula com a Sintaxe é determinado, embora de forma ainda pouco clara, por um Princípio Universal — o **Princípio de Projectção**. No essencial, este Princípio diz que **as representações sintáticas são projectadas do Léxico, devendo respeitar as propriedades de selecção dos itens lexicais**.

Assim, por exemplo, na frase *a Maria telefonou*, o verbo intransitivo *telefonar* não necessita de qualquer complemento, mas pode realizar um complemento regido da Preposição (P) *a* — *a Maria telefonou (ao João)* —, e sabemos que este complemento — *ao João* —, quando não é realizado, está implícito no significado do verbo. No entanto, este verbo tem de projectar obrigatoriamente um sujeito — Agente de *telefonar*. É essencialmente este tipo de informação, que faz parte das entradas lexicais dos itens lexicais, que é projectada nas representações sintáticas de que fala o Princípio de Projectção.

O Léxico contém todos os itens lexicais. E as entradas lexicais respectivas apresentam as idiossincrasias de cada item lexical, isto é, a informação linguística necessária à sua descrição e individualização:

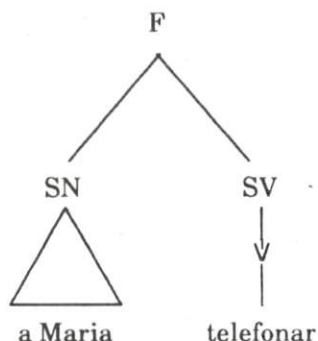
- (4) (i) a forma fonológica
- (ii) as propriedades semânticas
- (iii) propriedades sintáticas



Apresentaremos geralmente as estruturas sintáticas na forma de diagrama em árvore devido à sua fácil visualização. As árvores têm ramos e nós com símbolos categoriais e mostram a hierarquização existente entre os constituintes da frase.

É evidente que a representação sintáctica da frase apresentada em (6) está incompleta. A frase não é apenas esta relação entre dois constituintes semanticamente importantes — SN e SV. Repare-se que o exemplo (7) não é realmente uma frase, porque lhe falta informação fundamental:

- (7) a. \*a Maria telefonar  
 b.(i) [F [SN a Maria] [SV telefonar]]  
 ou (ii)



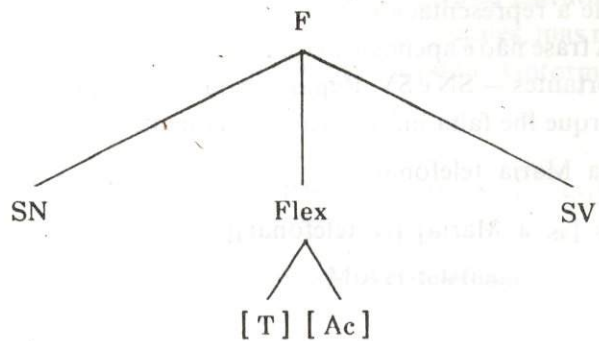
Como sabemos, a frase tem também informação de **Tempo (T)**, **Modalidade (M)** e **Aspecto (Asp)**, e apresenta, de uma maneira visível nas orações finitas (ou temporalizadas) e em português também nas de infinito flexionado, sufixos flexionais do **Acordo (Ac)** (ou concordância) entre o SN sujeito e a **Flexão (Flex)** verbal. Assim, é de facto importante incluir na definição sintáctica de frase um outro constituinte responsável pelas informações essenciais de Tempo e Acordo, que faltam no exemplo (7), e a que chamaremos precisamente Flex.

Como se vê em (7), a par da representação sintáctica por meio de parênteses rectos com símbolos de categorias (ver 7i), apresentamos um **indicador sintagmático** em forma de árvore (com nós e ramos) (ver 7ii). Este tipo de diagrama mostra, de facto, de uma maneira mais clara do que a parentetização, a relação estrutural existente entre os vários constituintes, sendo, contudo, ambas as representações perfeitamente equivalentes. O triângulo sob o SN, em (7ii), significa que a categoria não foi analisada, isto é, a representação sintáctica daquela categoria não foi desenvolvida.

Podemos agora apresentar uma estrutura linear (ou plana) da frase nuclear mais completa do que (6), e que será (8):

(8)(i) F = SN Flex SV

ou (ii)



O constituinte Flex tem informação de Tempo Passado [Pass], ou Presente [Pres], sendo marcado positivamente nas orações finitas [+T] e negativamente nas orações infinitivas [-T].

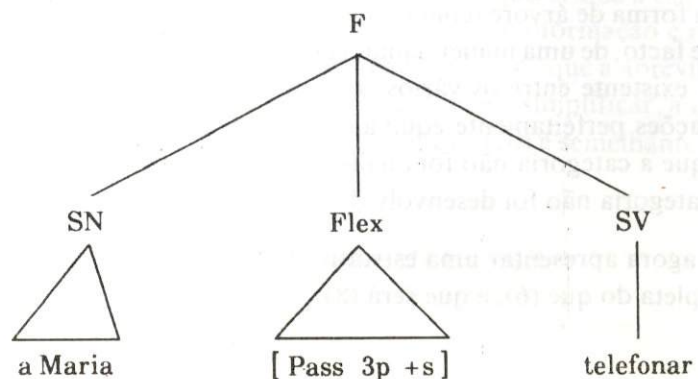
Para além desta informação de Tempo gramatical, Flex contém ainda **traços sintáticos de pessoa** (1a. [1p], 2a. [2p] e 3a. [3p]) e **número** (singular [+s] e plural [-s]). Estes traços sintáticos (ou **traços  $\Phi$** , ou **traços fi**, ou **traços F(uncionais)**) revelam o Acordo (Ac), isto é, a concordância com o Sujeito, que em português se realiza, como sabemos, através de sufixo. Por exemplo: telefon-o [1p, +s], telefon-as [2p, +s], telefon-a [3p, +s], telefon-amos [1p, -s], telefon-ais [2p, -s], telefon-am [3p, -s].

Assim, se observarmos uma frase simples como, por exemplo, *a Maria telefonou*, devemos representá-la sintacticamente separando os três constituintes essenciais, apresentados em (8), como se verifica em (9):

(9) Estrutura-P

(i) [F [SN a Maria] [Flex Pass 3p +s] [SV telefonar]]

ou (ii)



---

Chamamos a esta representação uma estrutura linear, ou plana, da frase, porque ela se limita a mostrar a sequência dos três constituintes e não apresenta qualquer hierarquia relativa entre aqueles constituintes. No entanto, existe uma hierarquização própria da estrutura frásica, bem como da estrutura interna de qualquer sintagma. Pensa-se, efectivamente, que qualquer estrutura sintagmática obedece a um esquema fixo. Para já, adiantaremos apenas que esse esquema faz parte de uma subteoria da Gramática Generativa — a **Teoria X-Barra** (ou  $\bar{X}$ , ou  $X'$ ), de que falaremos detalhadamente na unidade 6.

Retomando a nossa reflexão sobre a representação da Estrutura-P de uma frase, podemos concluir que esta será, por um lado, derivada da projecção da informação lexical, tal como é previsto pelo Princípio de Projecção, associado ao Princípio de Projecção Alargado; por outro lado, determinada pela Teoria X-Barra, que condiciona as representações sintácticas.

A representação da Estrutura-S é o resultado de eventuais transformações da Estrutura-P, devidas à aplicação da regra de movimento de constituintes — a regra de Mover- $\alpha$ . Esta regra é enunciada de uma maneira muito geral, prevendo que qualquer categoria ( $\alpha$ ) se possa mover da posição sintáctica em que foi projectada na Estrutura-P para outra posição sintáctica da Estrutura-S.

Naturalmente que nem todos os movimentos são possíveis e a actuação da regra de Mover- $\alpha$  é fortemente restringida por Princípios Gerais resultantes da interacção de outras subteorias da Gramática, nomeadamente, a **Teoria do Caso**, a **Teoria Temática** e a **Teoria das Barreiras**, que serão igualmente consideradas adiante, nas unidades 6, 7 e 10.

Mas o aspecto mais importante da representação da Estrutura-S é o facto de ela apresentar **categorias vazias (cv)** (sem realização fonética) que são, por vezes, **vestígios** deixados pelas categorias deslocadas pela regra de movimento nas posições sintácticas de que saem, ou por onde passam. Estes vestígios mostram a história do movimento das categorias, permitindo encontrar na representação da Estrutura-S todas as posições inicialmente criadas na Estrutura-P pela projecção lexical. Outras categorias vazias são geradas na base, isto é, são representadas em Estrutura-P, porque existem sintacticamente, embora não tenham realização fonética. Um exemplo de categoria vazia representada em Estrutura-P é o sujeito nulo em português. Mesmo quando omitimos o sujeito sabemos que ele existe, portanto, vamos representá-lo na sua posição sintáctica de sujeito e chamar-lhe **pro**. Nas unidades 7 e 10 apresentaremos as várias categorias vazias, bem como a explicação para a sua inclusão na representação sintáctica.

Para além do Princípio de Projecção, já enunciado, um outro princípio — o **Princípio de Preservação da Estrutura**, estipula a necessidade de a representação estrutural de uma frase se manter inalterada nos seus aspectos essenciais, no decurso da derivação sintáctica — Estrutura-P, Estrutura-S e FL. Deste modo, verifica-se que só é possível mover uma categoria para a posição de

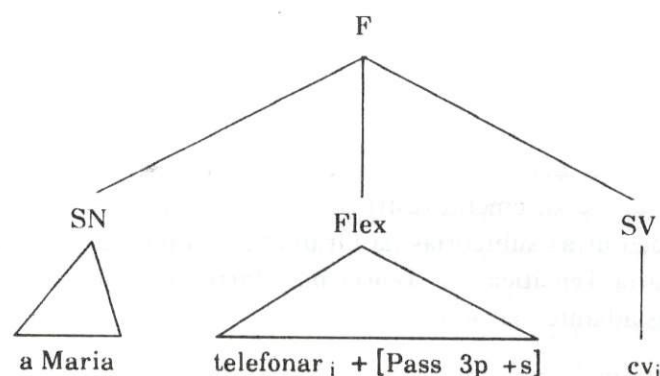
outra categoria idêntica, e que este movimento deixa necessariamente um vestígio na posição de partida, identificado com o mesmo **índice** da categoria movida. Observemos então a Estrutura-S em (10), correspondente à Estrutura-P apresentada em (9). A representação (10) ilustra a aplicação da regra de Mover- $\alpha$ , em que  $\alpha = telefonar$ . Na derivação da Estrutura-S verifica-se um movimento, considerado obrigatório no português, mas não obrigatório noutras línguas: o **verbo sobe para Flex** para se juntar à informação de Flex:

(10) Estrutura-S

(i)  $[_F [_{SN} \text{ a Maria}] [_{Flex} \text{ telefonar}_i \text{ Pass 3p +s}] [_{SV} \text{ cv}_i]]$

-----Mover-telefonar<sub>i</sub>-----

ou (ii)

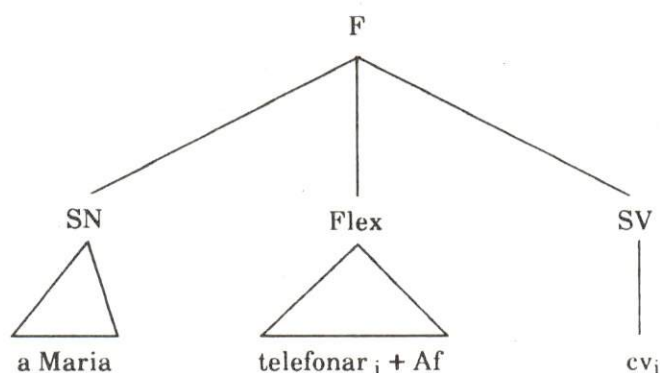


A representação (10) mostra que a regra de Mover- $\alpha$  deslocou o verbo *telefonar* da sua posição inicial, em Estrutura-P, onde é núcleo do SV e o seu único constituinte nesta frase, para uma posição à esquerda da informação contida em Flex — [Pass 3p + s] — (chamaremos a esta posição criada à esquerda de Flex uma posição de **adjunção**). Como sabemos, esta informação é realizada como um sufixo — *-ou* —, portanto, convencionaremos que a abreviatura da palavra Afixo (**Af**) pode substituir, quando queremos simplificar, a informação própria de Flex. Deste modo, a representação (10) é semelhante a (11):

(11) Estrutura-S

(i)  $[_F [_{SN} \text{ a Maria}] [_{Flex} \text{ telefonar}_i + \text{Af}] [_{SV} \text{ cv}_i]]$

ou (ii)



Voltando a olhar para o nosso esquema da gramática em (3), verificamos que é sobre a Estrutura-S que incidem a FF e a FL. De facto, a Estrutura-S serve para estabelecer a relação entre o principal nível de representação sintáctica — a Estrutura-P —, e por um lado a **Forma Fonológica** da frase (ou Estrutura de Superfície) — FF —, por outro a respectiva **Forma Lógica** (ou semântica) — FL.

Vamos então ilustrar o que acabámos de dizer a partir da Estrutura-S (10)=(11). A FF correspondente a (10)=(11) é a interpretação fonológica da frase analisada, ou a realização fonética (ou sonora) de uma frase que tem a estrutura subjacente (10)=(11) e que será graficamente (12):

(12) a Maria telefonou

A única alteração verificada em (12), a partir de (10)=(11), é a amálgama dos constituintes *telefonar*+ [Pass 3p +s] (ou *telefonar*+Af), que são lidos, em FF, como correspondendo à realização fonética de *telefonou* (aqui na sua representação gráfica).

A sequência representada em (10)=(11) corresponde de facto a uma frase portuguesa bem-formada, que tem, essencialmente, a interpretação semântica básica derivada do conteúdo proposicional definido pela entrada lexical do predicado *telefonar*. A FL confirma essa interpretação lexical básica, ou seja, o conteúdo proposicional (ou **Proposição**) resultante da **relação Predicado-Argumento**, desenvolvida na Lógica dos Predicados.

O conteúdo proposicional do predicado *telefonar* implica, como já dissemos, dois argumentos. Vamos, então, esquematizar o conceito de PROPOSIÇÃO e aplicá-lo ao conteúdo proposicional do verbo *telefonar*:

(13)



A leitura da frase (12), isto é, a interpretação semântica da frase corresponde a uma Proposição e resume-se à relação de Predicação (ou relação Predicado-Sujeito (Agente)) já referida. Como sabemos, o segundo argumento seleccionado lexicalmente pelo verbo *telefonar* pode não ser realizado na frase, como acontece em (12), sendo, contudo, interpretado como um argumento implícito.

Tendo em consideração os aspectos que acabámos de referir, pensa-se que grande parte da leitura da frase simples é dada por uma Proposição, à qual se acrescentam outras informações relativamente a Determinação, Tempo, Aspecto, Modalidade, etc.<sup>1</sup> Efectivamente, na representação em FL devemos encontrar explicitadas as propriedades lógico-semânticas da frase, que se resumem na relação operador-variável, tal como, por exemplo, a relação entre predicado e variáveis-argumentos (Proposição), a relação entre elementos interrogativos e variáveis.

<sup>1</sup> Ver unidades 8 e 11.

Vamos ver um exemplo de uma frase interrogativa:

(14) a quem telefonou o João?

O sintagma preposicional (SP) *a quem* é um elemento interrogativo que foi movido da sua posição básica, estando, portanto, relacionado com uma categoria vazia, isto é, um vestígio com o mesmo índice [ $cv_i$ ] da categoria movida [ $_{SP} a quem_i$ ]. Aquela categoria vazia é interpretada como uma variável relacionada com o SP interrogativo:

(15) a quem<sub>i</sub> telefonou<sub>j</sub> o João  $cv_j$   $cv_i$

O SP interrogativo é projectado em Estrutura-P como um complemento do verbo, portanto, à direita de *telefonar*, como se pode ver em (16):

(16) o João telefonou *a quem<sub>i</sub>*

Note-se que (14) ilustra também um movimento do verbo associado às construções interrogativas, que serão desenvolvidas na unidade 10.

---

Retomando a nossa reflexão sobre o modelo T de gramática é importante referir que o esquema (3) pretende mostrar que se julga não existir qualquer contacto directo entre a FF e a FL, ou seja, que o lado esquerdo da gramática — FF — é totalmente cego no que diz respeito ao lado direito — FL — e vice-versa. Realmente estas duas componentes actuam sobre a Estrutura-S, interpretando-a quanto ao som e quanto ao sentido, e estes dois aspectos não parecem interferir um no outro se tivermos em consideração uma análise exclusivamente linguística.

Embora sejam independentes uma da outra, a FF e a FL obedecem ao mesmo princípio — o **Princípio de Interpretação Total**. Este princípio determina que **todos os elementos linguísticos têm de ser legitimados de forma adequada**, isto é, que existem certas condições que estabelecem a relação entre os vários elementos e explicam a sua existência, ou legitimidade, e a sua interpretação, quer fonológica, quer lógico-semântica.

Julga-se ainda que as condições de legitimação das representações em FF são semelhantes às condições de legitimação das representações em FL, revelando-se, no entanto, estas últimas mais complexas, visto tratar-se de sintagmas com estrutura interna em vez de segmentos fonológicos, claramente mais simples.

### 3.3 Tópicos de recapitulação geral

- componentes da gramática
- Parâmetro do Sujeito Nulo
- princípios universais
- regra de Mover- $\alpha$

---

## Referências bibliográficas

- CHOMSKY, N. 1981 - *Lectures on Government and Binding*, Dordrecht, Foris.
- CHOMSKY, N. 1982a - «Principes et Paramètres en Théorie Syntaxique» in J. Guéron; T. Soley eds., *Grammaire Transformationnelle. Théorie et Méthodologies*, Paris, Université Paris VIII, 9-65.
- CHOMSKY, N. 1982b - *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph 6). (Tradução francesa in A. Rouveret 1987 — *Noam Chomsky. La nouvelle syntaxe. Concepts et conséquences de la théorie du gouvernement et du liage*, Paris, Editions du Seuil).
- CHOMSKY, N. 1985 - *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*, New York, Praeger.
- CHOMSKY, N. 1986 - *Barriers*, Cambridge, Massachusetts, MIT Press. (Linguistic Inquiry Monograph 13).
- CHOMSKY, N. 1988 - «Some Notes on Economy of Derivation and Representation». (Não publicado).